

LP8

3º BIMESTRE

ESCOLA: _____

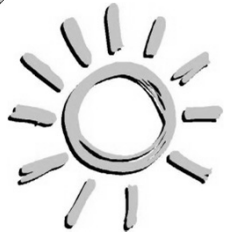
ALUNO: _____ TURMA: _____

2011

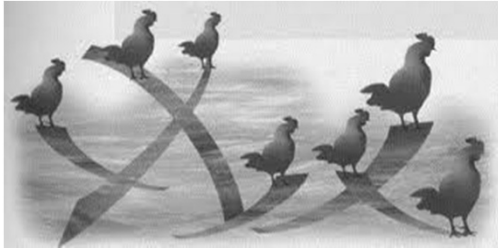
Secretaria Municipal de Educação

Coordenadoria de Educação

mun-do-da-lili.blogspot.com



daoterapias.com.br



kkersaber.blogspot.com



www.flickr.com



flickr.com

EDUARDO PAES
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

CLAUDIA COSTIN
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA HELENA DINIZ BOMENY
SUBSECRETARIA DE ENSINO

MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

MARIA DE FÁTIMA CUNHA
SANDRA MARIA DE SOUZA MATEUS
COORDENADORIA TÉCNICA

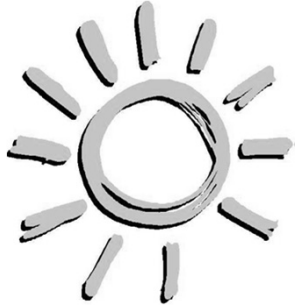
MARIA TERESA TEDESCO VILARDO DE ABREU
CONSULTORIA

WELINGTON MACHADO
ELABORAÇÃO

LEILA CUNHA DE OLIVEIRA
SIMONE CARDOZO VITAL DA SILVA
REVISÃO

CARLA DA ROCHA FÁRIA
MARIA PAULA SANTOS DE OLIVEIRA
DIAGRAMAÇÃO

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS
MARIA DE FÁTIMA CUNHA
DESIGN GRÁFICO



A imaginação não é uma questão de habilidade. É mais uma questão de levantar as coisas do seu lugar e ver o que elas escondem embaixo. Como se faz a uma pedra.

Se levatares uma pedra pesada do jardim, verás que debaixo dela está um pedaço de terreno de cor diferente da relva restante do jardim. Mais esbranquiçada, com ar mais doente: o sol não passou por ali.

A imaginação? A imaginação é o sol também passar por ali.
(Levanta a pedra, meu caro, faz um esforço.)

TAVARES, Gonçalo M. *Biblioteca*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

Este Caderno é especialmente dedicado a todos os alunos da E.M. Tasso da Silveira.

O poema que você vai ler mostra o poder de realização da imaginação criativa, o resultado da criação poética.

Você já pensou que, a cada manhã, acordamos pensando que um novo dia se abre para nós? A cada manhã desejamos que o dia que se abre seja diferente, melhor que o de ontem. Cada manhã pode, então, ser vista como esperança ou como realização de um novo mundo para todos, não é?

Pense na manhã que nasce como um bem coletivo, fruto de um trabalho conjunto de todos os cantos de galos.

Pense no poema como uma manhã, um bem produzido em conjunto pelo escritor e pelo seu leitor.

São leituras possíveis do poema "Tecendo a manhã". Vamos ler?

Texto I

Tecendo a manhã

João Cabral de Melo Neto

1

Um galo sozinho não tece uma manhã:
 ele precisará sempre de outros galos.
 De um que apanhe esse grito que ele
 e o lance a outro; de um outro galo
 que apanhe o grito que um galo antes
 e o lance a outro; e de outros galos
 que com muitos outros galos se cruzem
 os fios de sol de seus gritos de galo,
 para que a manhã, desde uma teia tênue,
 se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,
 se erguendo tenda, onde entrem todos,
 se entretendendo para todos, no toldo
 (a manhã) que plana livre de armação.
 A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
 que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(Em *A educação pela pedra*)

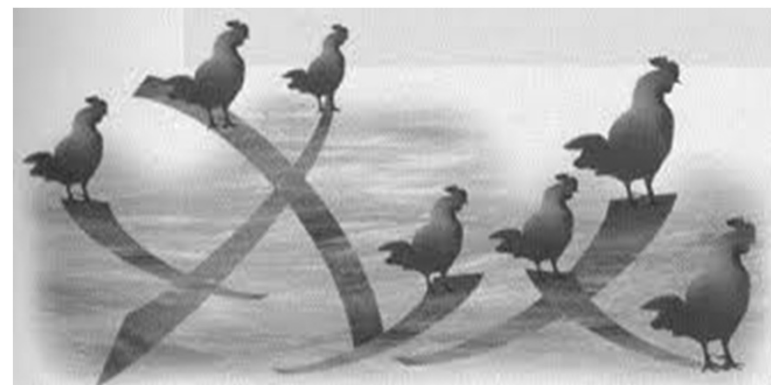


mun-do-da-lili.blogspot.com



O poeta

calicodequeiroz.wordpress.com



daoterapias.com.br

O trabalho coletivo dos galos

MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Antes de começar a estudar o poema “Tecendo a manhã”, atenção para alguns aspectos da linguagem poética, que vão ajudá-lo a melhor entender o poema, a gostar dele e, assim, tirar maior prazer de sua leitura.

A forma do poema pode ser vista e lida como uma tela, um tecido que se abre para os leitores; uma teia tecida com os fios das palavras, que se entrelaçam para produzir o texto.

Lembremos que os cantos dos galos antecedem os primeiros raios de sol que surgem para formar, para tecer a manhã, para fazer o dia amanhecer. Uma manhã de sol é uma bela paisagem, cabe bem na tela de um artista.

Um provérbio popular diz que “O sol nasce para todos”. O sol pode ser visto como um produto do trabalho coletivo de todos os galos, o bem que se eleva na tenda do céu e se dá a todos: uma luz-balão.

Pode-se considerar o poema “Tecendo a manhã” um **poema-metáfora**.

Telas, Tecidos e Textos

Têxtil – que se pode tecer.

Texto (do latim *textu*) tecido, textura; disposição dos fios de um tecido.

Tecer (do latim *texere*) - fazer (teia, tela ou tecido) com fios; urdir, tramar.

Tela – aquilo que se teceu; tecido, teia, trama.

Urdir (do latim *ordire*, por *ordiri*, 'começar o trabalho da tecelagem') - Dispor os fios da tela. Tecer, entrelaçar os fios de (a teia). Imaginar, fantasiar.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.

METÁFORA – Usada como recurso expressivo, trata-se de uma figura de palavras em que um termo substitui outro em vista de uma **relação de semelhança** que com ele entretém. Muito utilizada na linguagem poética, essa relação de semelhança é resultado da **imaginação** de quem cria a metáfora. **A metáfora** pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o elemento comparativo não está expresso, mas subentendido; quer dizer, na metáfora **uma coisa está por outra**, uma ideia vale pela que lhe é semelhante.

Exemplos:

A menina tem olhos verdes como o mar. (comparação)

A menina tem olhos de mar. ou A menina tem um mar nos olhos. (metáfora em que o verde do mar está para a cor verde dos olhos da menina).

A manhã é como uma tela, como uma aquarela, como um poema de um grande artista. (comparação)

A manhã é uma tela, uma aquarela, um poema de um grande artista.

No Caderno anterior, você teve a oportunidade de estudar algumas figuras de linguagem, recursos que tornam mais expressivos os textos e que são muito utilizados na linguagem poética. Pode-se dizer que **as figuras de linguagem são resultados da imaginação criativa de artistas da palavra**. Neste Caderno, vamos aproveitar os textos para ir lhe apresentando, além da metáfora, outras dessas figuras.

Observe, na linguagem poética do poema “Tecendo a manhã”, que o poeta faz uso de **metáforas** – recurso poético em que um termo (ou uma ideia) substitui outro por uma relação de semelhança entre seus significados; em que **“uma coisa está pela outra”**.

1- Cada manhã pode ser vista como esperança ou como realização de um novo mundo para todos, não é? Pense que o poema fala da manhã que nasce, fruto do trabalho de todos os galos, como se falasse do necessário trabalho de todos nós para a realização do desejo de um novo mundo para todos. Uma metáfora, não é?

Agora preencha o quadro abaixo com metáforas usadas no poema para expressar as ideias (à esquerda).

Construindo um mundo melhor, uma nova e melhor realidade.	
Os participantes do trabalho de construção coletiva.	
O que se vai construindo coletivamente.	
Os primeiros raios de sol ou os primeiros resultados do trabalho.	
A manhã ou o bem produzido, resultado final do trabalho.	
O sol ou o bem produzido, que se dá a todos.	



Pintura em tela de Iron Garcia



maritacaturismo.com.br

2- O poema se estrutura em _____ estrofes. A ESTROFE 1 apresenta _____ versos; a ESTROFE 2, _____ versos.

3- Localize os versos do poema em que ocorre:

ESTROFE 1

- a) Uma intertextualidade com o provérbio “*Uma andorinha só não faz verão.*” _____
- b) A explicação para a afirmação de que um galo sozinho não tece uma manhã. _____
- c) Começo da ação de tecer, de lançar os gritos, de cruzar os fios, “de um...a outro, de um...a outro, de outros... entre todos”. _____

ESTROFE 2

- a) O produto do trabalho solidário, o bem coletivo (a manhã) vai se realizando. _____
- b) O produto acabado de produzir (a manhã, o poema) se mostra a todos, para todos. _____

4 – Observe que a ESTROFE 1 começa com o termo “Um galo sozinho” (singular) e termina com “entre todos os galos” (plural). Que efeito de sentido tem esse recurso poético utilizado na construção do poema?

5- Como você pode observar, o poema enfoca o canto dos galos ao amanhecer, como forma de valorizar o trabalho coletivo, que é de todos e com todos; e o fruto do trabalho como bem coletivo, que é de todos e para todos. O princípio valorizado no poema é o princípio da _____

6- Transcreva da ESTROFE 2 expressões que confirmem esse princípio.

7- Na ESTROFE 2, que forma verbal indica que o bem produzido pelo processo coletivo de trabalho vai ganhando forma?



mun-do-da-lili.blogspot.com



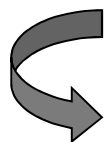
Amanhecer, no Aterro do Flamengo

O poema pode ser lido, ele todo, como uma metáfora do fazer coletivo na própria produção do poema, em que poeta e leitores interagem para a construção do texto.
Pensando assim, responda às questões que seguem.

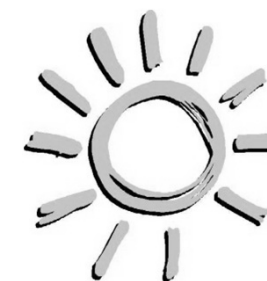
9- “Galo” seria metáfora ou estaria no lugar de _____

10- “outro galo” e “outros galos” seriam metáforas ou estariam no lugar de _____

Em versos do poema, aparece o recurso expressivo da ELIPSE.



ELIPSE é a omissão de uma palavra facilmente subentendida. O termo omitido é facilmente identificável, em função do contexto ou de elementos gramaticais presentes na frase.
Ex. *João saiu para ver o sol; Maria também.* (saiu).
Eu prefiro o sol; ela, a lua. (prefere).
Um galo cantou, outro também; e outros, e outros... (cantou/cantaram)



modo-da-ili.blogspot.com



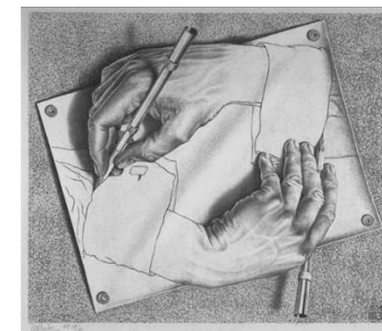
11- Na estrutura do poema, dois versos da ESTROFE 1 contêm **elipse**, omitindo um termo final, facilmente subentendido em função do contexto.

a) Transcreva os dois versos.

b) Que forma verbal completaria ambos?

c) Entendendo o poema como uma metáfora do trabalho conjunto autor-leitor, em que o poeta deixa versos para o leitor subentender e completar mentalmente, que sentido têm esses dois versos na estrutura do poema?

Escher



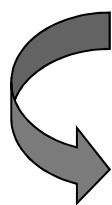
overmundo.com.br

O caráter dinâmico de uma língua está ligado aos usos que o falante faz dela, à capacidade de se criar novas palavras ou de emprestar às palavras que já existem novos sentidos, ampliando a força expressiva da língua.

12- Observe, na segunda estrofe do poema “Tecendo a manhã”, que o poeta criou uma nova palavra, “entretendendo”, ou seja, utilizou o recurso do **neologismo**, para conseguir um efeito expressivo.

a) Que ideias estão contidas nesse novo vocábulo?

b) Que efeito de sentido tem esse uso, no poema lido?



NEOLOGISMO é o processo de criação de novas palavras na língua. Você já reparou que, de tempos em tempos, novas palavras surgem? Dependendo da aceitação e uso pelos falantes ela vai sendo incorporada ao vocabulário geral. As novas tecnologias da informação trouxeram muitas dessas palavras ao nosso vocabulário.

Assim, temos hoje *internauta, internetês, blogar*, e tantas outras, como já tivemos *sambódromo, frescão, orelhão...* Leia o poema de Manuel Bandeira, ao lado.



Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda
 Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana
 Inventei, por exemplo, o verbo teadorar
 Intransitivo
 Teadoro, Teodora.

(Manuel Bandeira, em *Belo Belo*, 1948)



13- a) Que neologismo o eu poético inventou?

b) De acordo com o último verso do poema, que relação ele estabeleceu para inventar a nova palavra?



kkersaber.blogspot.com

Você já pensou na força positiva que tem a imaginação, ao idealizar novos e melhores mundos? Concorda que, em situações negativas, mais e mais forte se faz nossa capacidade de imaginar? Se um mundo melhor, se uma outra realidade é possível em nossa imaginação, não seria porque somos capazes de realizar o que idealizamos?

O samba de Dona Ivone Lara nos fala sobre aonde pode nos levar nossa imaginação. Leia a letra, ao lado.

1- Na letra da canção o assunto é a **imaginação**. Lendo a letra, percebemos que a expressão “Força da imaginação”, do título, se repete em vários versos. De acordo com o tema da canção, com que sentido foi usada a expressão?

2- Observe, nos versos da 1ª estrofe, as expressões “vai lá” e “chega lá” e transcreva da estrofe os versos em que o termo destacado se refere:

a) ao que ultrapassa a realidade.

b) ao que ainda não é realidade.

c) ao que poderá chegar a uma nova realidade.

3- Transcreva da 2ª estrofe o verso que melhor expressa:

a) a criação de outra realidade.

b) a mudança de uma situação ruim para uma melhor.

Texto II

Força da imaginação

Composição: Dona Ivone Lara



Força da imaginação, vai lá
Além dos pés e do chão, chega lá,
O que a mão ainda não toca
Coração um dia alcança
Força da imaginação, vai lá

Quando um poeta compõe mais um samba
Ele funda outra cidade
Lamentando a sua dor, ele faz felicidade
Força da imaginação
Na forma da melodia
Não escurece a razão
Ilumina o dia a dia

Quando uma escola traz de lá do morro
O que no asfalto nem é sonho
Atravessa o coração um entusiasmo medonho
Força da imaginação
Se espalhando na avenida
Não pra animar a fraqueza
Mas pra dar mais vida à vida

Força da imaginação, vai lá
Além dos pés e do chão, chega lá,
O que a mão ainda não toca
Coração um dia alcança
Força da imaginação, vai lá



Você pode ouvir Dona Ivone Lara cantando esse lindo samba, no *link* <http://youtu.be/cBQyGns6RUk>

Leia o que contêm os quadros abaixo, antes de responder às questões que seguem.

4- Procure, na letra da canção, pares de palavras com ideias opostas (**antíteses**) e transcreva-os.

5- Por que podemos considerar a expressão “entusiasmo medonho” (3ª estrofe) uma contradição (**paradoxo**)?

6- Que força de sentido tem essa contradição (paradoxo), na 3ª estrofe?

Atenção, não confundir!

Ideias opostas, contrárias



Contradição

ANTÍTESE – é a figura de palavra que consiste na aproximação, em um texto, de palavras ou expressões que possuem significados opostos, para expressar conflito, indecisão, confronto de ideias opostas...

- a) “Ou se tem chuva e não se tem sol,
 ou se tem sol e não se tem chuva!
 Ou se calça a luva e não se põe o anel,
 ou se põe o anel e não se calça a luva!”
 (Cecília Meireles)
- b) “Tristeza não tem fim
Felicidade, sim.”
 (Vinícius de Moraes)
- c) Onde queres prazer, sou o que dói
 E onde queres tortura, mansidão
 Onde queres um lar, revolução
 E onde queres bandido, sou herói.
 (Caetano Veloso)

PARADOXO – é a figura que consiste em aproximar termos ou proposições contrárias, opostas, para formar uma só imagem, aparentemente contraditória, ou seja, contrária à lógica, ao senso comum, mas que ganha uma força de sentido, uma força de verdade no contexto em que é usada.

O exemplo “*entusiasmo medonho*”, lido no poema, é uma imagem assim.

Outros exemplos, para você entender melhor:
Amor é fogo que arde sem se ver;/É ferida que dói e não se sente;/É um contentamento descontente;/É dor que desatina sem doer(...) (Camões)
Uma alegria raivosa. (Chico Buarque)
Mentiras sinceras me interessam. (Cazuza)
É proibido proibir! (estudantes em Paris, 68)
Foi sem querer, querendo; ilustre desconhecido; um silêncio ensurdecido (expressões popularizadas).

Observe os textos a seguir, dois fragmentos de letras de música e uma capa de livro, e identifique o que há de **antítese** e/ou de **paradoxo** em cada um deles. Explique a diferença entre essas figuras de linguagem e explique a força de sentido em cada caso.

A

Não existiria som
Se não houvesse o silêncio
Não haveria luz
Se não fosse a escuridão
A vida é mesmo assim,
Dia e noite, não e sim...
Cada voz que canta o amor não diz
Tudo o que quer dizer,
Tudo o que cala fala
Mais alto ao coração.
Silenciosamente eu te falo com paixão...
Eu te amo calado,
Como quem ouve uma sinfonia
De silêncios e de luz,
Nós somos medo e desejo,
Somos feitos de silêncio e som,
Tem certas coisas que eu não sei dizer...

Lulu Santos, em *Certas coisas*.



letras.terra.com.br

letras.terra.com.br

B

E eu digo sim
 E eu digo não ao não
 Eu digo: É!
 Proibido proibir
 É proibido proibir
 É proibido proibir
 É proibido proibir...

Caetano Veloso, em *É proibido proibir*.

letras.terra.com.br



C



Observe a legenda da charge abaixo. Na fala confusa do paciente ao psicólogo, ele usa tempos verbais indicativos do presente e do passado: *quero ser* (presente) – *era* (passado-pretérito imperfeito); *queria ser* (passado - pret. imperfeito) – *sou* (presente). Com suas palavras, tente explicar o interessante, mas confuso paradoxo construído pelo paciente na sua fala.

psicologiadadospsicologos.blogspot.com

D

© Original Artist
Reproduction rights obtainable from
www.CartoonStock.com



search ID: ear0475

EU QUERO SER O QUE EU ERA, QUANDO EU
QUERIA SER O QUE EU SOU AGORA!

mun-do-da-iii.blogspot.com



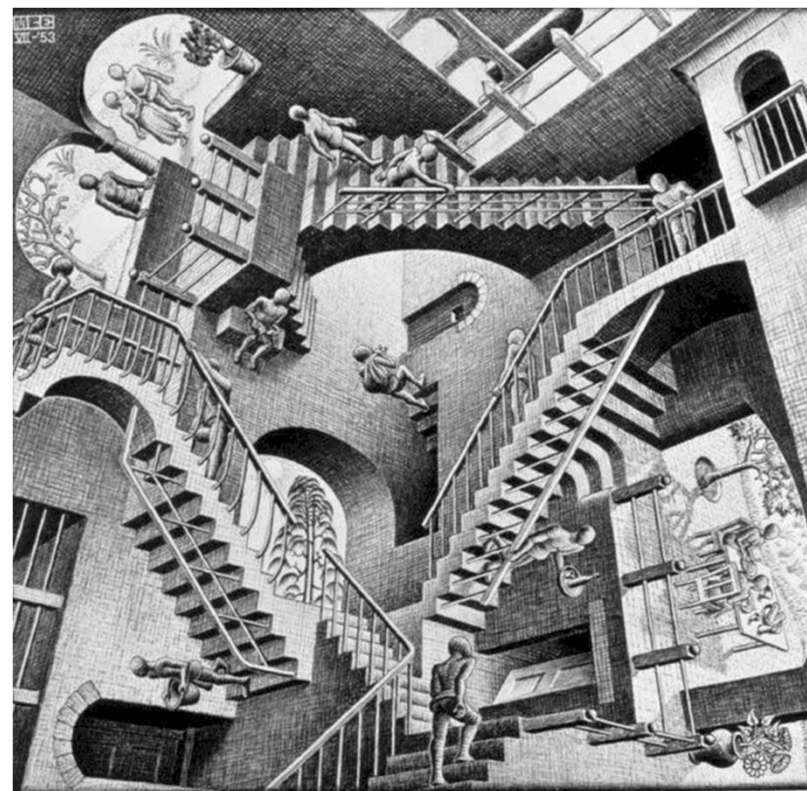
Seu livro
didático é
muito
importante
neste
momento.



senado.gov.br

Para curtir!

Ao lado, para você observar e curtir, uma obra do artista plástico holandês Escher, que imaginava e tentava criar com seus trabalhos outras perspectivas e dimensões. O infinito e o paradoxo estavam entre seus temas preferidos.



www.mcescher.com

Escher. *Relativity*. Lithograph, 1953.

Nos Cadernos anteriores, você estudou mensagens produzidas com **elementos da linguagem não verbal**, como é o caso da charge abaixo. Observe com atenção como se organizam os elementos não verbais da charge. Observe que nessa linguagem também podem estar presentes figuras de linguagem.

Texto III



1- O que nos permite entender que o menino vive em uma família conservadora?

2- O que revela o motivo de o pai estar repreendendo o filho?

3- Complete de acordo com as figuras de linguagem observadas na charge.

“As formas quadradas podem ser vistas como _____ do conservadorismo, da falta de imaginação, enquanto o desenho do menino, como _____ da inovação, da liberdade da imaginação criativa. Entre as formas quadradas do ambiente e do vestuário e a forma circular, no desenho do menino, estabelece-se uma _____.”

4- Produção de texto
Imagine e escreva, abaixo, **uma legenda** que expresse o que o pai estaria dizendo ao filho.

O texto a seguir é uma **crônica**, gênero que foi estudado nos dois cadernos anteriores. No fragmento aqui apresentado, a crônica se divide em duas partes. Você pode observar, em cada parte, que o cronista fala a partir de aspectos cotidianos na vida da cidade: uma conversa com um taxista e um anúncio lido em jornal.



Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1965, ainda em construção)



flickr.com

Passarela, com o Museu de Arte Moderna ao fundo, ainda em construção, 1965.

Texto IV

Passarela e anúncios



Aquela ponte lançada sobre a pista em frente ao Museu de Arte Moderna é uma das coisas mais belas do Rio. A gente vê que é possível fazer poesia com cimento; e entende que a linha reta é irmã gêmea da linha curva; e que o cálculo mais sábio pode resultar na maior emoção de simplicidade.

Muita gente passa por ali sem reparar na elegância extraordinária da passarela. Não aquele português, chofer de táxi, com quem eu vinha conversando. Confessou-me que passou muitas vezes sob a ponte sem reparar nela. Um dia, porém, leu no jornal que ela custara não sei quantos milhões – um absurdo. Então reparou, e achou muito bonita. Como não levava passageiro no momento, parou o carro e foi olhar a ponte de um lado e outro.

“É uma beleza, doutor. É reta e ao mesmo tempo enviesada; é forte, mas parece que está solta no ar. Vou lhe dizer uma coisa, senhor doutor. Pode ter custado caro, mas aquilo não é uma ponte, é um monumento. Mesmo que não tivesse serventia alguma, está ali a enfeitar a cidade. É um monumento, doutor.”

Afonso Eduardo Reidy, o autor da passarela, que morreu em 1964, gostaria de ouvir esse elogio.

*

No jornal de ontem li [...] um anúncio de internato que me horroriza. Diz assim: “Disciplina rigorosa – Princípios rígidos – Máxima vigilância – Prepare seu filho para ser um homem feliz.”

O diretor desse internato deve ter sido educado como educa hoje os filhos dos outros. Mas será ele próprio um homem feliz? Duvido um pouco: para ser realmente feliz, ele precisaria ser, pelo menos, diretor de um campo de concentração.

BRAGA, Rubem. *As boas coisas da vida*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

mun-do-da-ili.blogspot.com

1- Que opinião expressa o **cronista** sobre a ponte em frente ao Museu de Arte Moderno - MAM, no Aterro?

2- Com relação à ponte construída, o que o cronista quis dizer, no 1º parágrafo, com a afirmação de que “é possível fazer poesia com cimento”?

3- O cronista inicia a crônica falando da impressão que lhe causa a ponte. Transcreva o trecho do 2º parágrafo que mostra o início de uma ação entre os personagens da crônica.

4- Que fato levou o chofer de táxi a reparar na ponte?

5- No trecho “Então, reparou-a e a achou muito bonita.”, que palavra revela que o taxista só reparou na ponte depois de ter lido a notícia sobre ela?

6- Que opiniões o chofer de táxi expressa sobre os seguintes fatos:

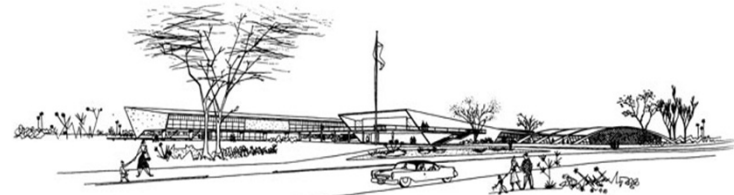
- a) Custo de construção da ponte – _____
- b) A ponte construída – _____

7- Em que parte do texto o chofer expressa uma opinião diretamente para o cronista?

8- Que sinais de pontuação marcam essa fala direta do personagem?



As “retas enviesadas” da imaginação criativa de Reidy.



Projeto para o Aterro do Flamengo (croqui).



Escada do MAM, em construção, 1965.



Conjunto do Pedregulho - arquiteturabrasileirav.blogspot.com



9- Que metáfora sobre a ponte se repete, na fala do chofer de táxi? Que força de sentido tem essa repetição?

10- Em um trecho, o cronista revela quem foi o arquiteto responsável pelo projeto da passarela.

- a) Em que trecho ele faz isso? _____
 b) Quem foi o arquiteto? _____
 c) A quem o cronista está revelando isso? Ao taxista? _____

11- Observe os quatro parágrafos da primeira parte da crônica e complete o quadro abaixo, com trechos dessa parte, de acordo com o tempo indicativo dos verbos, estudados no Caderno do 2º bimestre.

TEMPOS VERBAIS E O QUE INDICAM, NA CRÔNICA	TRECHO DA CRÔNICA
Presente – expressa algo válido para o falante no momento em que fala; um fato atual, uma ação ocorrendo no momento do discurso.	
Pretérito Imperfeito – ações passadas incompletas, para as quais não se define um final .	
Pretérito perfeito – ações que começaram e se completaram no passado.	
Pretérito mais-que-perfeito – ação passada, que é anterior a outra, também passada; algo que valeu até que outro valor se impusesse.	
Futuro do pretérito – passado que não aconteceu, mas que poderia ter ocorrido depois, num futuro relativo a esse passado.	



12- Qual é o tema abordado, na segunda parte do fragmento de crônica, e como se pode relacioná-lo com a charge apresentada anteriormente (Texto III)?

13- A opinião do cronista sobre o internato é positiva ou negativa? Transcreva trechos da crônica que justifiquem sua resposta.

14- De acordo com a dúvida expressa no final, como um homem deveria ser educado para ser realmente feliz, na opinião do cronista?

15- Observe, no final da crônica, o trecho

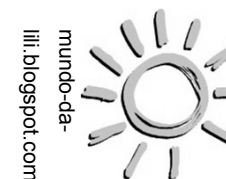
“(...)para ser realmente feliz, ele precisaria ser, pelo menos, diretor de um campo de concentração.”

Que expressão verbal indica que o diretor, para ser feliz, dependeria de algo que não aconteceu no passado mas que se coloca ainda como uma possibilidade futura?

16- Pode-se perceber, entre as duas partes da crônica lida, uma relação de oposição, uma **antítese**. Justifique essa afirmação.



laryff.com.br



professorcavalcante.wordpress.com



CONCORDÂNCIA - A regra básica da concordância é que **as palavras dependentes concordem, nas suas flexões, com as palavras de que dependem na frase**. No caso da **concordância nominal**, isso significa que os termos adjetivos – artigo, numeral, pronome e o próprio adjetivo – deverão acompanhar em gênero e número o termo substantivo a que se referem. Observe a frase:

“Aquela bela, reta e enviesada passarela, que tanto impressiona as pessoas, foi projetada por Reidy.”

Nela, os termos “*Aquela*”, “*bela*”, “*reta*” e “*enviesada*” (todos no feminino e no singular), concordam com o termo substantivo, feminino e no singular, “*passarela*”. Observe, ainda, que as formas verbais “*impressiona*” e “*foi projetada*” concordam, no singular, com “*passarela*”, seguindo a regra da **concordância verbal**.

Observe como seria a frase, no caso de se tratarem de “*passarelas*”.

“Aqueles belas, retas e enviesadas passarelas, que impressionam as pessoas, foram projetadas por Reidy.”

Observe as concordâncias, nos exemplos:

“A linha reta é irmã gêmea da linha curva.” – “As linhas reta e curva são irmãs gêmeas.”;

“O cálculo mais sábio pode resultar na maior emoção de simplicidade.” – “Os cálculos mais sábios podem resultar na maior emoção de simplicidade.”;

“Um feliz diretor de internato educa seu filho para ser um homem feliz.” – “Os felizes diretores de internato educam seus filhos para serem homens felizes.”

17- *“É uma beleza, doutor. É reta e ao mesmo tempo enviesada; é forte, mas parece que está solta no ar. Vou lhe dizer uma coisa, senhor doutor. Pode ter custado caro, mas aquilo não é uma ponte, é um monumento. Mesmo que não tivesse serventia alguma, está ali a enfeitar a cidade. É um monumento, doutor.”*

Observando a regra básica de concordância, reescreva todo o parágrafo, que contém o discurso direto do chofer de táxi, retirado do Texto IV, imaginando que ele está falando, não sobre uma, mas sobre duas pontes.



Para saber um pouco mais...

arcoweb.com.br



mun-do-da-ili.blogspot.com

Reidy – O arquiteto e urbanista Afonso Eduardo Reidy nasceu em Paris, em 1909, e morreu no Rio de Janeiro, em 1964. Fez seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e participou de vários projetos de modernização urbana de nossa Cidade. Foi responsável, entre outros, pelo projeto do prédio do Ministério da Educação (conhecido como Palácio Gustavo Capanema), marco fundamental na história da arquitetura moderna brasileira. Coordenou o projeto de urbanização do Centro do Rio de Janeiro, que foi base para o desenvolvimento posterior do Aterro e Parque do Flamengo. Fez o projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM e do Conjunto Habitacional do Pedregulho, em Benfica, que inclui o belo prédio da Escola Municipal Edmundo Bittencourt (tombado pelo Patrimônio Histórico da Cidade).



www.flickr.com

E. M. Edmundo Bittencourt, em Benfica – a bonita escola do Reidy! Lá tem painéis de Burle Marx e de Anísio Medeiros, tem afresco de Cândido Portinari ...

Nossa cidade possui um patrimônio inestimável, em suas escolas públicas. São mais de 40 prédios tombados pelo Patrimônio Histórico da Cidade. Entre eles, além da Edmundo, temos a Tiradentes, a Gonçalves Dias, a Affonso Penna, a Alberto Barth, a antiga Rivadavia Corrêa (hoje, Centro de Referência da Educação Pública), a Argentina, a Pedro Bruno, a Guatemala, a Orsina da Fonseca, a Luiz Delfino...

*Vale uma visita ao **Centro de Referência da Educação Pública**, para conhecer mais sobre esse nosso patrimônio.*



Texto V

RIO – As bonitas escolas em prédios tombados.

Em janeiro de 2008, foi lançado o Guia das Escolas Tombadas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, uma publicação do **Centro de Referência da Educação Pública** da Secretaria Municipal de Educação (SME) para distribuição nas escolas da Rede Municipal.

O Guia 2008 reúne informações históricas e arquitetônicas sobre as 44 escolas municipais cujos prédios são tombados pelo Patrimônio Cultural. A edição é bem cuidada, com fotos novas e antigas, algumas feitas por celebridades como o fotógrafo Augusto Malta. Nos textos, são apresentados os responsáveis pelas construções e há informações sobre as mudanças do uso escolar dos prédios, através dos tempos.

Cada escola ganhou um texto próprio, com destaque para a data e o decreto de tombamento do prédio.

A leitura do Guia é um agradável passeio pela história da própria cidade do Rio.



E.M. Alberto Barth



E.M. Edmundo Bittencourt



E.M. Pedro Bruno



E.M. Affonso Penna



E. M Tiradentes

<http://www0.rio.rj.gov.br/sme/projprog/bras/escolatombada.htm>

1- Trata-se de um texto informativo. Que informação esse texto dá ao seu leitor?



E.M. Júlio de Castilhos e E.M. Manoel Cícero



E.M. Gonçalves Dias



E.M. Rivadávia Correa – atual Centro de Referência da Educação Pública



E.M. Orsina da Fonseca



www.mundo-da-iii.blogspot.com

**Cole aqui uma foto da sua escola!
(ou um desenho dela, feito por você)**



mun-do-da-lili.blogspot.com

Vamos ler aqui mais uma crônica, agora do cronista Luís Fernando Veríssimo. Você sabe que ele publica regularmente, duas vezes por semana, uma coluna de crônicas no jornal "O Globo" ?



baixaki.com.br



Texto VI

Êxtase

Luís Fernando Veríssimo

Ele falou que sempre que via um pôr de sol bonito como aquele sentia que não era para ele. Não sabia explicar. Era como se o pôr de sol fosse para outros e ele estivesse vendo clandestinamente, sem autorização, espiando o que não lhe dizia respeito. Sentia-se, assim, um penetra no espetáculo dos outros.

Ela não entendeu. Você acha que não merece, é isso? Que é bonito demais para você? Que você não tem direito a um pôr de sol dessa magnitude? Que o sol deveria se pôr com mais discrição para pessoas como você, que cada pôr de sol deveria ter uma versão condensada, menos espetacular, para os imerecedores da Terra, é isso?

Não, não, disse ele. Eu mereço. Não é uma questão de humildade. É uma questão de... E deu outro exemplo. Sorvete de doce de leite. Sempre que comia sorvete de doce de leite tinha a mesma sensação de clandestinidade. Aquela doçura, aquele prazer, não podia estar assim disponível para todos como, como... como um pôr de sol!

[...]

Ele não defendia uma aristocracia com acesso exclusivo ao bom e ao bonito. Só achava que ver um pôr do sol fantástico comendo sorvete de doce de leite deveria ser, assim, como se você fosse um dos escolhidos do mundo, com o crachá correspondente. Licença para se extasiar. E então ele deu outro exemplo: você aqui na minha frente, com as cores do pôr do sol refletidas no seu rosto. Uma exclusividade minha, um privilégio dos meus olhos, uma injustiça para todos os homens do planeta que estão olhando outra coisa. E ela falou "Não exagera, vai".

O Globo, 14 abril 2011



arre-burro.weblog.com.pt



1papacato.com.br



1- Que palavras o cronista usou para “nomear” os personagens da crônica?

2- Transcreva do primeiro parágrafo o trecho que revela como ele se sente diante das coisas belas da vida.

3- No 2º parágrafo, ela lhe faz uma série de perguntas. Com que objetivo faz isso?

4- Que efeito de sentido têm as reticências usadas em dois trechos do 3º parágrafo?

5- Ainda no 3º parágrafo, ele usa exemplos para tentar definir aquilo a que sentia não ter direito.

- a) Que exemplos ele deu? _____
 - b) Que palavra ele utiliza para estabelecer uma comparação entre os exemplos dados? _____
 - c) Na comparação que ele faz, que opinião expressa sobre os dois exemplos? _____
-

6- Que efeito de sentido tem a repetição do **como**, no final do 3º parágrafo?

7- No início do 4ª parágrafo, ocorre uma negação da ideia de privilégio (aristocracia com acesso exclusivo ao bom e ao bonito), seguida de uma afirmação dessa mesma ideia (ser um dos escolhidos com licença para se extasiar). Pode-se interpretar que a intenção do cronista foi mostrar, mais uma vez, _____

8- No parágrafo final, para tentar explicar a ela o que estava querendo dizer, ele lançou mão de um outro exemplo.

- a) Que outro exemplo ele usou? _____
 - b) Ao usá-la como exemplo, que opinião ele expressa sobre ela? _____
 - c) Que opinião ela teve sobre esse modo de ver dele? _____
-

9- Reescreva a frase abaixo, substituindo as comparações por metáforas.

O pôr do sol é um espetáculo prazeroso como um sorvete de doce de leite e ela é fantástica como um sorvete de doce de leite ao pôr do sol.

Recapitulando...

A CRÔNICA é um gênero literário produzido para ser veiculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem.

Em regra geral, *a crônica é um comentário leve e breve sobre algum fato do cotidiano. Algo para ser lido enquanto se toma o café da manhã*, na feliz expressão de Fernando Sabino. O comentário pode ser poético ou irônico, e sempre sobre fatos cotidianos, corriqueiros, nos quais o cronista surpreende o leitor com a beleza, a comicidade, os aspectos singulares.

Com relativa frequência, a **crônica** se aproxima do **conto**. O gosto pela história curta, pelo diálogo ágil, pela narrativa de final imprevisto e surpreendente e a unidade de ação, tempo e espaço levam vários cronistas à **prática mais ou menos disfarçada do conto**.

Adaptado: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/2003/01/20/001.htm>

Moacyr Scliar escreveu algumas de suas crônicas a partir de anúncios, manchetes ou notícias que chamavam sua atenção nos jornais. Faleceu em 17 de fevereiro deste ano. A crônica a seguir é nossa homenagem ao grande escritor que ele continua sendo. Leia.

Recapitulando...

O amor reciclado

Telefone celular se transforma em flor: o aparelho ecológico é fabricado a partir de polímeros biodegradáveis. Na composição do celular os fabricantes também inserem uma semente de flor, que germinará quando o usuário decidir reciclar seu celular, plantando-o na terra (Folha de São Paulo, 30/11/2005).

Como presente de fim de ano, a namorada, entusiasta defensora da ecologia, deu-lhe um celular biodegradável. [...] um aparelho especial, feito de um plástico que, decompondo-se, não poluiria a natureza. E, detalhe poético, havia ali uma semente de flor que germinaria quando o aparelho fosse jogado à terra.

Ele agradeceu muito [...] A namorada, contudo, fez uma exigência: ele só poderia usar o celular em chamadas para ela. [...] Com o que ele concordou. O aparelho daria testemunho do amor deles, amor que, achava, seria eterno.

Estava enganado. Dois meses depois ela ligou, de uma cidade distante. Pelo celular biodegradável ele ouviu a notícia que o deixou arrasado: na viagem, ela conhecera um rapaz, adepto, como ela, da ecologia, e se apaixonara. Você entende, ela explicou, tudo na vida tem de ser reciclado, inclusive o amor. [...]

Furioso, ele atirou o celular pela janela da casa. Nunca mais queria ouvir falar daquela coisa. Nunca mais queria ouvir falar da infiel namorada. Era uma página virada de sua vida. Algo que pretendia esquecer e da forma mais completa possível. [...]

Mas aí aconteceu o imprevisto. No jardim de sua casa brotou uma flor. O que, num primeiro momento, deixou-o intrigado. Só ele cuidava daquele jardim e não lembrava de ter plantado coisa alguma recentemente. De súbito deu-se conta: era a semente que estava no celular biodegradável. Era o passado que voltava sob a forma de uma flor.

Que, curiosamente, tem um perfume parecido ao da antiga namorada. Mais: quando ele está junto à flor – e sempre que ele pode está junto à flor – parece-lhe ouvir a voz dela sussurrando-lhe doces palavras de paixão. E dizendo que tudo na vida pode ser reciclado. Inclusive o amor.

Moacyr Scliar, em *Histórias que os jornais não contam*.

Produção de texto

Imagine, agora, que **você é o cronista**, quer dizer, vai escrever uma crônica, como fazem os cronistas, a partir de um fato cotidiano.

Retome o que estudou nos cadernos anteriores sobre os elementos de uma crônica. Pense em um fato do dia a dia que tenha chamado a sua atenção ou, como fazia o grande Moacyr Scliar, em algo que você tenha lido em jornal ou revista, use sua criatividade e o transforme em uma crônica. Leia as crônicas deste Caderno e de cadernos anteriores. Isso vai ajudá-lo bastante. Não se esqueça de planejar antes, de rascunhar, de escrever e reescrever sua crônica até chegar à melhor forma. Não se esqueça também de dar-lhe um título.



agapo.com.br

Copie a forma final de sua crônica **aqui**.

Abaixo, três **inícios** de belas crônicas, escritas por três dos nossos melhores cronistas. Leia-os. Isso pode ajudá-lo.

Meu ideal seria escrever...

Rubem Braga

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – "ai meu Deus, que história mais engraçada!". [...]

BRAGA, Rubem. *A traição das elegantes*. Editora Sabiá : Rio de Janeiro, 1967

O nascimento da crônica

Machado de Assis

"Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, (...) Está começada a crônica. [...]

Machado de Assis. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

A última crônica

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade, estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica. [...]

SABINO, Fernando. *A companheira de viagem*, Record, 1965.

Quem conta um conto aumenta um ponto...

Você teve a oportunidade de observar nos textos de Veríssimo e de Scliar que a **crônica**, muitas vezes, apresenta todas as características de um **conto**; que ela é mesmo “uma prática mais ou menos disfarçada do conto”. A seguir, você vai ler um **conto** e observar como os elementos de um e de outro gênero se confundem, mas mantêm suas diferenças.

Texto VIII

		Os homens que se transformavam em barbantes	
Localização	INTRODUÇÃO	<p>Havia uma cidade, grande, desenvolvida. As pessoas que moravam lá eram saudáveis, simpáticas e alegres. Não me lembro o nome da cidade, porque eu tinha quinze anos quando passei por ela, levado por meu pai. Nessa época, não me preocupava com o nome, mas sim com os lugares propriamente.</p>	
Situação inicial		<p>Acontece que, certo dia, um habitante desta cidade saiu de casa, pela manhã, dirigindo-se alegremente ao emprego. Fez todas as coisas de praxe. Cumprimentou os vizinhos, o barbeiro da esquina, o vendeiro, os colegas no ponto de ônibus, agradeceu ao motorista, ao ascensorista, sentou-se em sua mesa.</p>	
Complicação (conflito gerador)	DESENVOLVIMENTO	<p>Nesse dia, no fim do expediente, o homem notou que seu pulso esquerdo parecia mais fino. “Bobagem. Impressão. Acho que estou cansado demais.” Foi para casa, jantou, viu telenovela, dormiu. Na manhã seguinte, o pulso tinha se afinado mais. E suas canelas pareciam de criança. Chamou a mulher. Ela ficou tão impressionada, que o homem se arrependeu de ter mostrado. Não havia dor, apenas fraqueza.</p>	
Desenvolvido conflito		<p>Partiu para o emprego. Contente, cumprimentando as pessoas e agradecendo ao motorista e ao ascensorista. No meio da tarde, porém, não conseguiu trabalhar. O pulso estava fino e dobrava-se. Maleável, sem consistência. O homem, envergonhado, puxou a manga da camisa. O mais que pode, para que os colegas não vissem.</p>	
		<p>Mas viram. Porque o homem tinha o corpo transformado. A cabeça, única coisa normal, caiu sobre a mesa. O torso não era mais grosso que um lápis, suas pernas e braços, finos como cordéis. Mas ele estava lúcido, coerente, o cérebro não tinha sido perturbado. Além do impacto, e da surpresa ante o estranho, o homem continuava o mesmo. Levado para casa, chamaram o médico. E o médico chamou outro médico. Porque:</p>	

Clímax

DESENVOLVIMENTO

– Não é o primeiro. É o terceiro, nesta semana.

Os jornais noticiaram o fato e as notícias trouxeram à luz novos casos. Pela cidade inteira, acontecia aquilo, as pessoas se adelgaçavam, tornavam-se frágeis. Em pouco tempo, outro fato surgiu, ao lado dos homens que se transformavam em barbantes. Eram os que se transformavam em vidro. Tinham que ter muito cuidado, ao andar pela rua, ao trabalhar, porque podiam se quebrar com qualquer batida. Vez ou outra, os homens de vidro se desfaziam. Em plena rua, à vista de todos. Como o vidro blindex que se estilhaça por inteiro.

 Desenvolvido
clímax

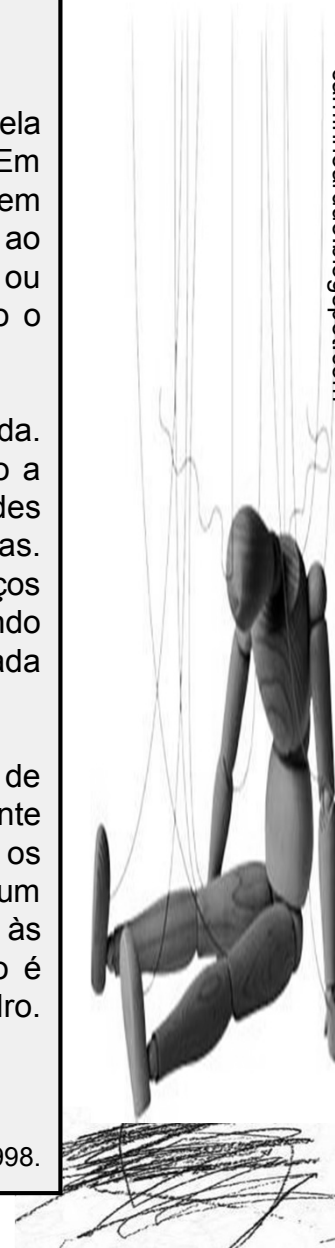
Aquela população alegre, saudável, descontraída, começou a viver apavorada. Sem saber se, a qualquer momento, o vírus (seria vírus?) podia atacar. Mudando a pessoa em vidro ou barbante. Muitos começaram a se mudar, indo para cidades distantes. A secretaria de saúde analisou o ar, a água, tudo, em busca das causas. Mas o ar era bom, não poluído. E as águas vinham de nascentes puras ou de poços artesianos límpidos. Pensou-se que algumas pessoas podiam estar colocando elementos venenosos na comida ou em caixas de água. Investigações nada concluíram.

Desfecho

CONCLUSÃO

E até hoje, nada se sabe. A cidade parece estar se habituando à possibilidade de eventualmente alguém se transmutar. Não causa mais surpresa quando um barbante é levado pelo vento ou, em dias de chuva, é tragado pela enxurrada. Ou quando os vidros se liquefazem, no momento em que uma pessoa vira a esquina ou dá um esbarrão noutra. A população se acostumou. Parece que o homem se adapta às piores condições, conformando-se com os acontecimentos. Naquela cidade, tudo é muito frágil, a vida humana tem a espessura de um fio. Ou é delgada como um vidro. Mas isto vai se constituindo na normalidade.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Cadeiras proibidas*. São Paulo: Global, 1998.



1- O conto é composto, além do título, de 9 parágrafos. Observe, à esquerda do texto, os **elementos da narrativa** ou como o conto se desenvolve ao longo dos parágrafos. Leia cada parágrafo e responda:

- a) Onde se dá o fato narrado? _____
- b) Qual é a situação inicial? _____
- c) Qual é o conflito gerador? _____
- d) Qual é o clímax da história? _____
- e) Como se dá o desfecho? _____

2- Nesse conto, o **narrador** conta os fatos que se sucederam, sem deles participar, como narrador apenas observador – uma **narrativa em terceira pessoa**. No início, porém, ele fala na **primeira pessoa**, presente no lugar onde ocorreram os fatos. Transcreva o trecho onde isso se dá.

3- Para falar de uma realidade bem humana, a desumanização e a perda da individualidade em uma cidade grande, o autor faz uso de elementos do imaginário fantástico. Que fato, no conto, nos permite classificá-lo como um **conto fantástico**.

4- Em dois momentos do conto o autor faz uso do recurso do **discurso direto**, ou seja, o registro direto do pensamento ou da fala de personagens. Transcreva os trechos em que isso ocorre. Diga que sinal gráfico marca cada um e de que personagens se registra o pensamento ou a fala.

5- Localize o parágrafo em que ocorre uma mudança de situação no modo de viver das pessoas da cidade e transcreva o trecho que revela a mudança.

6- A causa dos estranhos acontecimentos na cidade foram determinadas? Sim ou não? Transcreva trechos que comprovam isso.



Elementos característicos da estrutura de um conto

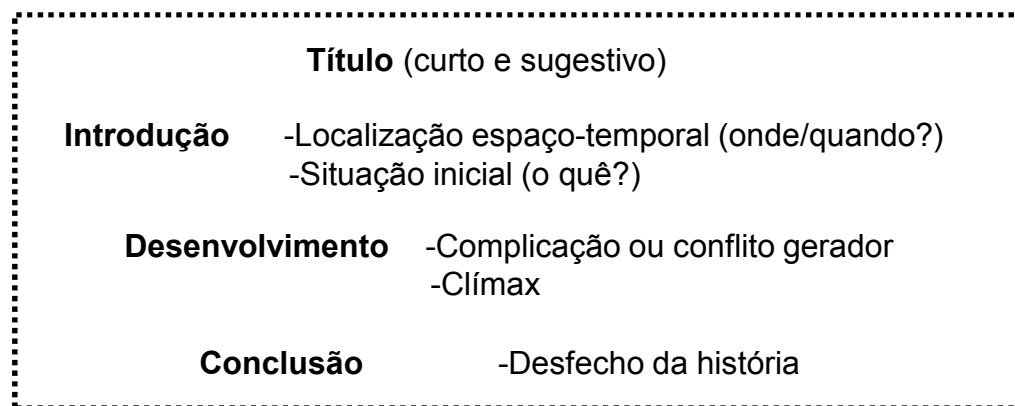
O conto é, como a crônica, um texto de base narrativa. Tem, como objeto, histórias fictícias ou acontecimentos reais apresentados ficcionalmente.

O conto apresenta uma determinada estrutura básica, com os elementos característicos de uma narrativa, como você pode ver sinalizado à margem do Texto VIII, “Os homens que viraram barbantes”.

Esquematisando, temos:



mun-do-da-lili.blogspot.com



Atenção:
Não necessariamente o conto precisa ter uma localização de espaço e de tempo na sua introdução.

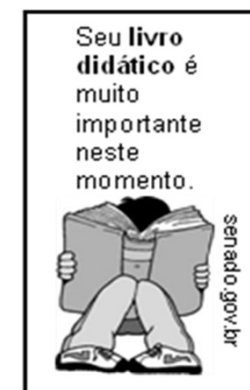
A figura do narrador

Em um conto, o narrador pode ser um personagem, um narrador participante dos fatos (foco narrativo em 1ª pessoa). Leia o exemplo.

“Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.” (Guimarães Rosa, parágrafo inicial de *Famigerado*)

O narrador pode ser apenas um observador que conta um fato que se passou em determinado tempo e lugar (foco narrativo em 3ª pessoa). Leia o exemplo.

“Daí, com medo do crime, esquipou, mesmo com a noite, abriu grandes pernas. Mediu o mundo. Por tantas serras, pulando de estrela em estrela, até aos seus Gerais.” (Guimarães Rosa, parágrafo final de *Recado do morro*)



A seguir você vai ler um outro conto em que também poderá observar esses elementos.

Você tem preconceito? Se fizermos essa pergunta às pessoas que conhecemos, as respostas serão quase sempre negativas. Mas então não existe o preconceito? Existe, sabemos bem que existe, infelizmente, e, dependendo da circunstância, surge quando menos esperamos. Onde, então, o escondemos?

O conto que você vai ler tematiza a questão.

Texto IX

Preto e branco
 Fernando Sabino

Perdera emprego, chegara a passar fome, sem que ninguém soubesse: por constrangimento, afastara-se da roda boêmia que antes costumava frequentar – escritores, jornalistas, um sambista de cor que vinha a ser seu mais velho companheiro de noitadas.

De repente, a salvação lhe apareceu na forma de um americano, que lhe oferecia emprego numa agência. Agarrou-se com unhas e dentes à oportunidade, vale dizer, ao americano, para garantir na sua nova função uma relativa estabilidade.

Um belo dia vai seguindo com o chefe pela Rua México, já distraído de seus passados tropeços, mas tropeçando obstinadamente no inglês com que se entendiam – quando vê do outro lado da rua um preto agitar a mão para ele.

Era o sambista seu amigo.

Ocorreu-lhe desde logo que ao americano poderia parecer estranha tal amizade. E mais ainda: incompatível com a ética ianque a ser mantida nas funções que passara a exercer. Lembrou-se num átimo que o americano em geral tem uma coisa séria chamada preconceito racial e seu critério de julgamento da capacidade funcional dos subordinados talvez se deixasse influir por essa odiosa deformação.

O **título** lhe sugere qual vai ser o assunto do conto que você vai ler?

No 2º parágrafo ocorre uma figura de linguagem, a **hipérbole**. Observe a explicação abaixo e tente identificá-la.

HIPÉRBOLE – é um recurso de linguagem que consiste no exagero de uma imagem como forma de expressar melhor a ideia, dar mais ênfase ao que se quer dizer. Quando se diz, por exemplo, “quase morri de rir”, “procurei loucamente” ou “liguei um milhão de vezes”, essas expressões não são literalmente verdadeiras, mas dão ênfase, reforçam o sentimento que acompanhou a ação. Outros exemplos:

“O poente na espinha de suas montanhas quase arromba a retina de quem vê...” (Chico Buarque, em *Carioca*).

“Desejei penteá-los por todos os séculos dos séculos, tecer duas tranças que pudessem envolver o infinito por um número inominável de vezes.” (Machado de Assis, em *Dom Casmurro*).

“Eu já derramei um rio de lágrimas,
 Muitas vezes chorei minhas mágoas
 Só porque eu te amo demais...”

(Lourenço & Rita Ribeiro, em *Minha rainha*).



mun-do-da-iii.blogspot.com

Knut Hamsun (1859-1952), escritor norueguês. É autor do conhecido romance autobiográfico *Fome* (1890), entre outros romances que escreveu.

Por via das dúvidas, correspondeu ao cumprimento de seu amigo da maneira mais discreta que lhe foi possível, mas viu em pânico que ele atravessava a rua e vinha em sua direção, sorriso aberto e braços prontos para um abraço.

Pensou rapidamente em se esquivar – não dava tempo: o americano também se detivera, vendo o preto aproximar-se. Era seu amigo, velho companheiro, um dos melhores mesmo que já conhecera – acaso jamais chegara sequer a se lembrar de que se tratava de um preto? Agora, com o gringo ali a seu lado, todo branco e sardento, é que percebia pela primeira vez: não podia ser mais preto. Sendo assim, tivesse paciência: mais tarde lhe explicava tudo, haveria de compreender. Passar fome era muito bonito nos romances de Knut Hamsun, lidos depois do jantar, e sem credores à porta. Não teve mais dúvidas: virou a cara quando o outro se aproximou e fingiu que não o via, que não era com ele.

E não era mesmo com ele.

Porque antes de cumprimentá-lo, talvez ainda sem tê-lo visto, o sambista abriu os braços para acolher o americano – também seu amigo.

SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. Rio de Janeiro: Record, 1962.

E então, gostou do conto? Gostou da forma como o Fernando Sabino desenvolveu o enredo e chegou a um desfecho surpreendente, dando uma lição ao personagem, quer dizer, a todos nós?

Você vai, agora, responder a algumas questões que o ajudarão a entender melhor o conto e sua estrutura.

1- Quem são os personagens do conto?

2- Observe o narrador. Ele é personagem participante dos fatos ou um narrador observador, que apenas conta o que observou? Qual é, então, o foco narrativo do conto?

3- Transcreva do conto o único trecho em que há indicação de ser a cidade do Rio de Janeiro o local onde se passa a história.

4- Você percebeu que uma situação foi exagerada, no 2º parágrafo. Transcreva, então, a **hipérbole** usada e explique seu efeito de sentido, de acordo com a situação inicial narrada.



5- Transcreva do conto palavras ou expressões relacionadas a traços característicos do amigo e do chefe do personagem principal.

Amigo - _____

Chefe - _____

6- Transcreva o trecho do conto que mostra o personagem principal **tendo dificuldades** com uma língua estrangeira, mas **se esforçando** para se comunicar, através dela, com seu chefe.

7 - Observe, no 5º parágrafo, o trecho

“Ocorreu-lhe desde logo que ao americano poderia parecer estranha tal amizade. E mais ainda: incompatível com a ética ianque a ser mantida nas funções que passara a exercer. Lembrou-se num átimo que o americano em geral tem uma coisa séria chamada preconceito racial e seu critério de julgamento da capacidade funcional dos subordinados talvez se deixasse influir por essa odiosa deformação.”

a) Por que, ao modo de ver do personagem principal, o americano poderia estranhar sua amizade com “um preto”?

b) A que se refere o narrador, quando fala de uma “ética ianque”? (Pesquise em um Dicionário, se necessário.)

c) Com relação ao seu novo emprego, de que o personagem principal teve medo?

d) Que expressão revela que o personagem se lembrou, num rápido instante, do caráter do povo americano em geral?

8- Ao ocorrer-lhe que o preconceito do americano poderia fazer com que perdesse seu emprego,

a) que sentimento apoderou-se do personagem?

b) qual foi a reação do personagem?



9- De acordo com essa atitude do personagem, pode-se entender que o narrador foi irônico ao se referir ao preconceito racial do americano em geral. Que expressão ele usou, no trecho observado do 5º parágrafo, que revela sua **ironia**?

10- Observe o trecho,

“Agora, com o gringo ali a seu lado, todo branco e sardento, é que percebia pela primeira vez: não podia ser mais preto.” (6º parágrafo)

Perceber a cor da pele do amigo não ocorreu apenas pelo contraste com a cor da pele do americano. Que outro motivo teria feito o personagem percebê-la naquele momento?

11- Que justificativa o personagem dá a si mesmo, ao decidir virar a cara para fingir não ter visto o amigo?

12- Qual o efeito de **ironia** conseguido pelo autor, no desfecho do conto?

13- Que passagem do desfecho expressa essa **ironia** final?

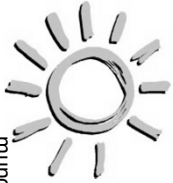
14- O narrador inicia, contando um fato que se deu em um passado anterior ao momento em que o personagem encontra a salvação para seu problema. Que termos indicam isso no primeiro parágrafo?

15- Preencha o quadro de acordo com o que foi narrado no conto.

Elementos estruturais do conto “Preto e branco”		PARÁGRAFO(S)
SITUAÇÃO INICIAL		
CONFLITO GERADOR		
CLÍMAX		
DESFECHO		



mundo-da-ili.blogspot.com



Para entender mais um pouco do gênero Conto

O enredo - Um fato acontece, em geral, por uma determinada causa e se desenrola envolvendo pessoas (personagens) e certas circunstâncias que o caracterizam. É necessário, portanto, mencionar o modo como tudo aconteceu, a(s) causa(s) e consequência(s). Veja os **elementos básicos da narrativa em um conto**.

- **Fato** (O quê?) – o que se vai narrar.
- **Tempo** (Quando?) – quando o fato ocorreu (*era uma vez, muitos anos depois, certa vez, um dia, no dia seguinte, pouco tempo depois etc.*).
- **Lugar** (Onde?) – onde o fato se deu (*em uma cidade, na rua de um bairro, na sala ou no quarto de uma casa, num local de trabalho, numa praia, num bosque, em um avião, em um ônibus, em um trem etc.*).
- **Personagens** (Quem?) – quem participou do ocorrido (*personagem principal, personagens secundários*).
- **Causa** (Por quê?) – o motivo que determinou a ocorrência.
- **Modo** (Como?) – como se deu o fato.
- **Consequência** (E então...) – uma ocorrência provoca determinada mudança (consequência); o desfecho de um conto é, geralmente, a consequência final do que se contou.

Após definir os elementos básicos da narrativa, o trabalho é organizá-los de forma criativa, em linguagem adequada, para elaborar um conto. Veja abaixo a proposta de um quadro-base para o planejamento de um conto, lembrando que os elementos do enredo podem aparecer em diferentes momentos do desenvolvimento da narrativa.

Quadro-base para o planejamento de um conto

INTRODUÇÃO	SITUAÇÃO INICIAL	O quê? Onde? Quando? Quem?
DESENVOLVIMENTO	CONFLITO GERADOR	O fato complicador, que muda a situação inicial. O quê? Por quê? Como? (elementos no desenvolvimento do conflito que vão levar ao clímax da história).
	CLÍMAX	O quê? (Que fato, no desenvolvimento do conflito vai exigir uma decisão, uma solução, e preparar o desfecho da história?).
CONCLUSÃO	DESFECHO	E então... (Como se concluirá a história?).

Antes de passarmos a um outro conto, vamos ver como textos de diferentes linguagens abordam o mesmo assunto do conto “Preto e branco” (Texto IX)?

Texto X

O poema ao lado tematiza a questão da igualdade e das diferenças humanas. Em que somos iguais? E diferentes? Quando somos iguais? E diferentes? Leia o poema, que joga um pouco de luz nesta questão, que está na raiz de tantos preconceitos.

Para entender melhor todos os versos do poema, **pesquise** e diga a que fazem referência os seguintes termos que aparecem:

a) best-sellers (verso 5) – _____

b) sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós (verso 14) – _____



94fm.com.br

Igual-desigual

Eu desconfiava:
 todas as histórias em quadrinho são iguais.
 Todos os filmes norte-americanos são iguais.
 Todos os filmes de todos os países são iguais.
 Todos os *best-sellers* são iguais.
 Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são iguais.
 Todos os partidos políticos são iguais.
 Todas as mulheres que andam na moda são iguais.
 Todas as experiências de sexo são iguais.
 Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós são iguais e todos, todos os poemas em versos livres são enfadonhamente iguais.
 Todas as guerras do mundo são iguais.
 Todas as fomes são iguais.
 Todos os amores, iguais iguais iguais.
 Iguais todos os rompimentos.
 A morte é igualíssima.
 Todas as criações da natureza são iguais.
 Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.
 Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.
 Não é igual a nada.
 Todo ser humano é um estranho ímpar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A paixão medida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.



telejios.com.br

1- Em quantas estrofes e versos se estrutura o poema?



2- O conteúdo do poema, como bem expressa o título, trata do ser humano no que tem de igual e de desigual. Pensando nisso, responda.

a) Que palavra do verso 1 revela que se trata de um ser humano em sua condição singular, individual?

b) A partir desse primeiro verso e ao longo de quase todo o poema, o eu poético vai se referir a criações e circunstâncias do ser humano em sua condição social e coletiva. Que palavras aparecem repetidas em vários versos para se referir a essa condição? _____

c) A partir de que verso o poema volta a falar da condição individual do ser humano? _____

3- Transcreva os versos do poema que mostram a desigualdade do ser humano, em sua individualidade, com a relação a tudo?

4- De acordo com o conteúdo do poema, pode-se concluir que, em sua capacidade de pensar, de criar, de produzir ideias e bens culturais:

a) em suas criações coletivas, os homens são _____.

b) em sua individualidade, em sua singularidade, o homem é _____.

5- Como no primeiro poema deste Caderno, “Tecendo a manhã”, neste também o poeta se utiliza do recurso do **neologismo**, ou seja, de criar uma nova palavra para expressar uma ideia.

a) Que neologismo o poeta criou, pela aproximação de duas palavras de significados opostos, para qualificar um mesmo ser, o ser humano, visto em suas dimensões **individual** e **coletiva**? Onde a palavra aparece?

b) Que figura de linguagem se dá nessa palavra, criada pela aproximação de palavras com significados opostos?

6- Observe o verso 1, “Eu já desconfiava:” e explique o que indicam

a) o sinal de pontuação usado?

b) A expressão “já desconfiava”, com o verbo no passado (pretérito imperfeito), antecedido do vocábulo “já”, que indica uma temporalidade?

Veja, agora, como um outro tipo de texto, trata do mesmo assunto, utilizando-se de uma linguagem diferente, com uma abordagem diferente.

Texto XI



QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

undo-da-lili.blogspot.com



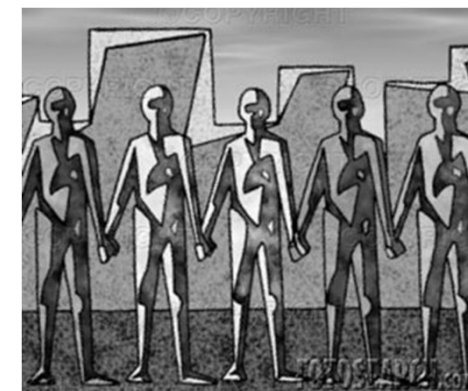
1- Na forma de abordagem e na linguagem usada, que diferenças há entre a tirinha acima e o poema anterior (Texto X)?

2- O que, na tira, indica que a Mafalda fala do lado de fora do quarto dos pais?

3- Que elementos da linguagem não verbal, na tira, indicam

- a) a passagem do tempo? _____
- b) a mudança no ambiente do quarto? _____

4- Qual o efeito de humor na tira?



perirelbel.blogspot.com

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade. (Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos)

Por um pé de feijão

Antônio Torres

Nunca mais haverá no mundo um ano tão bom. Pode até haver anos melhores, mas jamais será a mesma coisa. Parecia que a terra (a nossa terra, feinha, cheia de altos e baixos, esconsos, areia, pedregulho e massapê) estava explodindo em beleza. E nós todos acordávamos cantando, muito antes do sol raiar, passávamos o dia trabalhando e cantando e logo depois do pôr-do-sol desmaiávamos em qualquer canto e adormecíamos, contentes da vida.

Até me esqueci da escola, a coisa de que mais gostava. Todos se esqueceram de tudo. Agora dava gosto trabalhar.

Os pés de milho cresciam desembestados, lançavam pendões e espigas imensas. Os pés de feijão explodiam as vagens do nosso sustento, num abrir e fechar de olhos. Toda a plantação parecia nos compreender, parecia compartilhar de um destino comum, uma festa comum, feito gente. O mundo era verde. Que mais podíamos desejar?

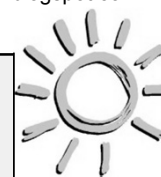
E assim foi até a hora de arrancar o feijão e empilhá-lo numa seva tão grande que nós, os meninos, pensávamos que ia tocar nas nuvens. Nossos braços seriam bastantes para bater todo aquele feijão? Papai disse que só íamos ter trabalho daí a uma semana e aí é que ia ser o grande pagode. Era quando a gente ia bater o feijão e iria medi-lo, para saber o resultado exato de toda aquela bonança. Não faltou quem fizesse suas apostas: uns diziam que ia dar trinta sacos, outros achavam que era cinquenta, outros falavam em oitenta.

No dia seguinte voltei para a escola. Pelo caminho também fazia os meus cálculos. Para mim, todos estavam enganados. Ia ser cem sacos. Daí para mais. Era só o que eu pensava, enquanto explicava à professora por que havia faltado tanto tempo. Ela disse que assim eu ia perder o ano e eu lhe disse que foi assim que ganhei um ano. E quando deu meio-dia e a professora disse que podíamos ir, saí correndo. Corri até ficar com as tripas saindo pela boca, a língua parecendo que ia se arrastar pelo chão. Para quem vem da rua, há uma ladeira muito comprida e só no fim começa a cerca que separa o nosso pasto da estrada. E foi logo ali, bem no comecinho da cerca, que eu vi a maior desgraça do mundo: o feijão havia desaparecido. Em seu lugar, o que havia era uma nuvem preta, subindo do chão para o céu [...]. Dentro da fumaça, uma língua de fogo devorava todo o nosso feijão.

Durante uma eternidade, só se falou nisso: que Deus põe e o diabo dispõe.

E eu vi os olhos da minha mãe ficarem muito esquisitos, vi minha mãe arrancando os cabelos com a mesma força com que antes havia arrancado os pés de feijão:

– Quem será que foi o desgraçado que fez uma coisa dessas? Que infeliz pode ter sido?



setedoses.wordpress.com



br.photaki.com



blog.lojadamel.com.br



ijdlf.zip.net

E vi os meninos conversarem só com os pensamentos e vi o sofrimento se enrugando na cara chamuscada do meu pai, ele que não dizia nada e de vez em quando levantava o chapéu e coçava a cabeça. E vi a cara dos trabalhadores e minha mãe falando, falando, falando e eu achando que era melhor se ela calasse a boca.

À tardinha os meninos saíram para o terreiro e ficaram por ali mesmo, jogados, como uns pintos molhados. A voz da minha mãe continuava balançando as telhas do avarandado. Sentado em seu banco de sempre, meu pai era um mudo. Isso nos atormentava um bocado.

Fui o primeiro a ter coragem de ir até lá. Como a gente podia ver lá de cima, da porta da casa, não havia sobrado nada. Um vento leve soprava as cinzas e era tudo. Quando voltei, papai estava falando.

– Ainda temos um feijãozinho-de-corda no quintal das bananeiras, não temos? Ainda temos o quintal das bananeiras, não temos? Ainda temos o milho para quebrar, despalhar, bater e encher o paiol, não temos? Como se diz, Deus tira os anéis, mas deixa os dedos.

E disse mais:

– Agora não se pensa mais nisso, não se fala mais nisso. Acabou. Então eu pensei: O velho está certo.

Eu já sabia que quando as chuvas voltassem, lá estaria ele, plantando um novo pé de feijão.

Adaptado: TORRES, Antonio. *Meninos, Eu Conto*. Rio/São Paulo: Editora Record, 1999

1- De acordo com o que foi narrado, preencha o seguinte quadro.

Elementos estruturais do conto “Por um pé de feijão”		PARÁGRAFO(S)
SITUAÇÃO INICIAL		
CONFLITO GERADOR		
CLÍMAX		
DESFECHO		



2- Quem é o narrador do conto?

3- Que outros personagens participam das ações?

4- Onde e quando se passam as ações do conto?

5- No 1º parágrafo, o menino usa o vocábulo “feinha”, para se referir à terra da família. O que revela o uso do diminutivo, neste caso?

6- No 2º parágrafo, o menino diz que até se esquecera da escola e que agora dava gosto trabalhar. Transcreva do 1º parágrafo um trecho que justifica esse sentimento do personagem.

7- Observe que o 4º parágrafo se inicia com a expressão “**E assim foi**”. A que se refere?

8- Que opinião o menino teve sobre as previsões e apostas que os outros fizeram, relativas ao resultado da colheita?

9- Transcreva do 5º parágrafo o trecho que revela o otimismo maior do menino com relação à colheita.

10- O que aconteceu que deixou triste a família e os demais trabalhadores?

11- Que diferença o menino destaca entre a reação da mãe e a do pai, após o incêndio?



12- Transcreva os trechos em que o narrador cita provérbios populares.

13- Observando os provérbios citados, podemos afirmar que, em ambos, a força de sentido é dada pelo recurso expressivo da **antítese**.

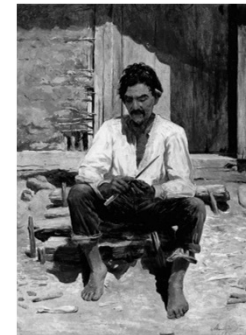
a) Como se dá a antítese em cada um dos provérbios?

b) Citados por personagens diferentes, em diferentes momentos do conto, os provérbios revelam modos de ver, opiniões, sentimentos opostos. Que sentimentos opostos cada um dos provérbios revela?

14- No 10º parágrafo, ocorre uma **comparação** e, logo depois, uma **metáfora**. Transcreva os trechos em que elas ocorrem.

15- Em que trechos do texto o narrador faz uso de discurso direto e que sinal gráfico marca isso, no texto?

16- Você pode observar que, ao longo de toda a sua narrativa, o menino faz uso de várias hipérboles, ou seja, do exagero de imagens para melhor expressar uma ideia. Transcreva do texto as hipérboles que encontrar.



mmafa.blogspot.com



vizinhosdeutero.blogspot.com



lufavero.com.br



Produção de texto – Escreva seu conto.

Agora, você é o contista e vai **produzir um conto**, ou seja, contar, por escrito, uma história. A história que você vai imaginar pode partir de um assunto abordado em qualquer um dos textos deste Caderno.

Use sua imaginação e sua criatividade, sem se esquecer do que vimos aqui sobre os elementos estruturais de um conto e sobre os elementos que ajudam a desenvolver a narrativa. Não se esqueça também de dar um título ao seu conto.

Após definir os elementos básicos da narrativa, o trabalho é organizá-los de forma criativa, em linguagem adequada. Veja abaixo uma proposta para o planejamento de um conto, lembrando que os elementos do enredo podem aparecer em diferentes momentos do desenvolvimento da narrativa.

SUGESTÃO PARA PLANEJAR A PRODUÇÃO DO SEU CONTO

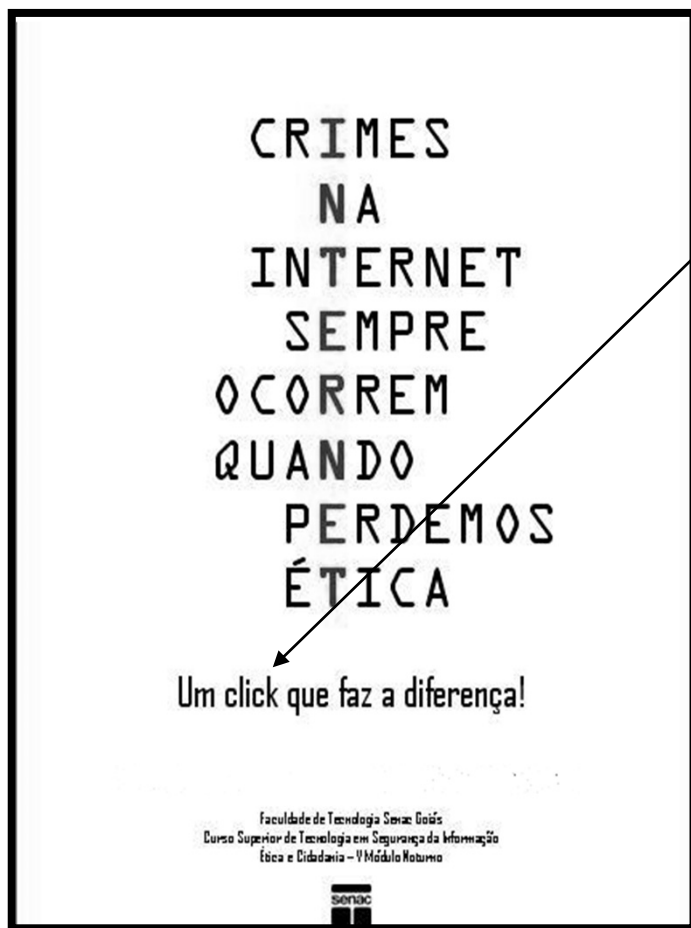
INTRODUÇÃO	SITUAÇÃO INICIAL	O quê? Onde? Quando? Quem?
DESENVOLVIMENTO	CONFLITO GERADOR	O fato complicador, que muda a situação inicial. O quê? Por quê? Como? (elementos no desenvolvimento do conflito que vão levar ao clímax da história)
	CLÍMAX	O quê? (Que fato, no desenvolvimento do conflito vai exigir uma decisão, uma solução, e preparar o desfecho da história?)
CONCLUSÃO	DESFECHO	E então... (Como se concluirá a história?)

Faça como todo escritor: use rascunhos; planeje antes o que contará e como contará; escreva e reescreva seu conto quantas vezes achar necessário, até encontrar a forma ideal de contar o que imaginou.

Trabalho feito, você pode copiar a forma final de seu conto na próxima página.

Vamos retomar aqui um texto de publicidade estudado no **Caderno do 1º bimestre**, para conhecermos uma outra figura de linguagem.

http://espacoetico.files.wordpress.com/2009/06/cartaz.jpg



ONOMATOPEIA – Ruídos, gritos, canto de animais, sons da natureza, barulho de máquinas, timbre da voz humana fazem parte do universo das onomatopeias. Onomatopeias aparecem muito em charges, em quadrinhos, em tiras, mas podem aparecer em outros gêneros textuais, toda vez que um autor fizer uso do recurso de registrar sons, através da língua escrita. Utilizam-se letras para criar palavra cujo som se assemelhe ao que se quer representar por escrito. As onomatopeias, em geral, são de entendimento de todos, o que não impede de um autor de texto inventar uma nova palavra para registrar um som. Veja alguns exemplos.

divertido.com.br



deruinhaprogostar.blogspot.com

Naquele Caderno, você observou que a palavra **click** foi usada para sugerir a velocidade da informação.

Você já pensou em como essa palavra foi criada?

A palavra foi criada para representar o som de um mecanismo de ligar e desligar uma máquina, um sistema de iluminação... Ao se criar uma palavra, cujo som se assemelhe àquilo que se quer representar, temos o recurso da **onomatopeia**.



blog.casadoestudante.g12.br

1- Observe os textos a seguir e faça o que se pede sobre cada um deles.



O personagem Clemente diz:

"A onomatopeia está para os quadrinhos assim como a metáfora está para a poesia." (autor: Caloi)

a) A partir do que você leu sobre metáfora e onomatopeia, explique a relação que o personagem Clemente estabelece em sua fala, na tira acima.

(...) Solta a batida aê, cumpadi!

Vou mandando um beijinho...
pra filhinha e pra vovó.
Só não posso esquecer
Da minha eguinha pocotó!

pocotó pocotó pocotó pocotó...
minha eguinha pocotó!
pocotó pocotó pocotó pocotó...
minha eguinha pocotó!

(...)

Mc Serginho , em *Eguinha pocotó* (fragmento)

c) Explique a palavra "pocotó", que o compositor usou para nomear a eguinha da letra da música?

d) O compositor representa, na escrita, o modo de falar próprio da **linguagem informal**. Transcreva o verso em que essa linguagem se destaca.



maniadestir.blogspot.com

b) Que onomatopeia você usaria para representar o que o menino da foto acima está representando com um gesto?

Texto XIII



1- Observe os elementos da linguagem não verbal. Para dar maior efeito de humor à atitude da Mônica, no 2º quadrinho, preencha o balão do 1º quadrinho com uma onomatopeia que represente como o Cebolinha estaria expressando a dor em seu dedo.

Texto XIV



1- Observe as imagens usadas na cena ao lado.

a) Na linguagem relacionada ao galo, o que nos faz perceber que seu canto é muito forte?

b) Na linguagem relacionada ao menino, o que nos faz perceber que o canto do galo não o despertará?

c) Relacionando as imagens do menino e do galo, qual o efeito de humor da tira.



pedagogiccos.blogspot.com

Você vai ler a letra de uma canção onde a imaginação criativa traz de volta o assunto de um novo amanhecer, no desejo e na esperança por um mundo melhor, mais justo, mais alegre, mais luminoso, mais pleno... e para todos!

Mas será que esse nosso sonhado amanhã ficará sempre para depois?



mun-do-da-lili.blogspot.com

Texto XV

Amanhã

Composição : Guilherme Arantes

Amanhã
Será um lindo dia
Da mais louca alegria
Que se possa imaginar

Amanhã
Está toda a esperança
Por menor que pareça
Existe e é pra vicejar

Amanhã
Redobrada a força
Pra cima que não cessa
Há de vingar

Amanhã
Apesar de hoje
Será a estrada que surge
Pra se trilhar

Amanhã
Mais nenhum mistério
Acima do ilusório
O astro rei vai brilhar

Amanhã
Mesmo que uns não queiram
Será de outros que esperam
Ver o dia raiar

Amanhã
A luminosidade
Alheia a qualquer vontade
Há de imperar!

Amanhã
Ódios aplacados
Temores abrandados
Será pleno!

letras.terra.com.br

Ouçã Caetano Veloso cantando "Amanhã", no link
<http://youtu.be/YDxgcEebZrg>

1- Observe que a palavra **Amanhã**, que dá título à letra da canção, repete-se no início de cada estrofe. Que sentido tem essa repetição.

2- Em todos as estrofes, o eu poético afirma a realização futura do que, hoje, é ainda um desejo, uma esperança. Que esperança é essa.

3- Vários versos da letra revelam que o eu poético fala de uma esperança que persiste, contrariando um presente nada promissor. Transcreva esses versos.

4- A única estrofe em que o que é imaginado para o **futuro** aparece com verbos no tempo **presente** é

"Amanhã!

Está toda a esperança

Por menor que pareça

Existe e é prá vicejar".

Que relação o poema estabelece entre o amanhã e o presente e que essa estrofe reforça?

5- Observe o uso da expressão **há de**, que aparece em versos finais de duas estrofes, "Há de vingar" e "Há de imperar". O que revela essa expressão?

Texto XVI

O amanhã

Composição : João Sérgio

A cigana leu o meu destino
Eu sonhei!
Bola de cristal
Jogo de búzios, cartomante
E eu sempre perguntei
O que será o amanhã?
Como vai ser o meu destino?
Já desfolhei o mal-me-quer
Primeiro amor de um menino...
E vai chegando o amanhecer
Leio a mensagem zodiacal
E o realejo diz
Que eu serei feliz
Sempre feliz...
Como será amanhã?
Responda quem puder
O que irá me acontecer?
O meu destino será
Como Deus quiser



Observe que nesta letra de canção – um samba de enredo da Escola de Samba União da Ilha, em 1978 – o assunto também é o amanhã, mas com abordagem diferente da que lemos na letra da canção do Texto XV, expressando um modo diferente de pensar o assunto.

1- Com relação ao assunto, que diferença há na abordagem feita por cada compositor em suas letras (textos XV e XVI) ?

2- Transcreva da letra ao lado as palavras ou expressões ligadas ao universo das previsões de destino ou de futuro.

3- Em apenas dois versos o eu poético fala de algo que vai lhe acontecer no futuro. Que versos são esses?

4- Ao longo da letra da canção, o eu poético fala de uma série de procedimentos de adivinhação sobre o futuro, para, no final, chegar a uma afirmação sobre seu destino que contradiz essas tentativas de adivinhação. Transcreva os versos que contêm essa afirmação.

vertical: mundo-da-lili.blogspot.com

vertical: deusasdooriente.blogspot.com



webmonografias.com.br



centraldopitaco.com



balcao.com



ohdesperta.blogspot.com



lanotucas.com



vertical: jpoliveirabueno.multiply.com

Para curtir!

tyba.com.br



meiaduziadetretas.blogspot.com



mundo-da-lili.blogspot.com



[...]
Porque o samba é a tristeza que balança
E a tristeza tem sempre uma esperança
A tristeza tem sempre uma esperança
De um dia não ser mais triste não

[...]
Ponha um pouco de amor numa cadência
E vai ver que ninguém no mundo vence
A beleza que tem um samba, não.
Vinícius de Moraes, em *Samba da bênção*

Força estranha

Composição: Caetano Veloso



Eu vi um menino correndo
Eu vi o tempo
Brincando ao redor do caminho daquele menino
Eu pus os meus pés no riacho
E acho que nunca os tirei
O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei
Eu vi a mulher preparando outra pessoa
O tempo parou pr'eu olhar para aquela barriga
A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou
O sol que atravessa essa estrada que nunca passou.
Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha no ar
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha
Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista
O tempo não para e no entanto ele nunca envelhece
Aquele que conhece o jogo do fogo das coisas que são
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão
Eu vi muitos homens brigando
Ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta
E a coisa mais certa de todas as coisas
Não vale um caminho sob o sol.
E o sol sobre a estrada é o sol sobre a estrada, é o sol
Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha no ar
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha.

letras.terra.com.br

Para ouvir: <http://youtu.be/zNsrKN3LLo8> ou
<http://youtu.be/wwYo1DNUCec>

g1.globo.com

E já que falamos da força da imaginação criativa por um mundo melhor...

Produção de texto

Lembra-se do texto que introduz este caderno?

A imaginação não é uma questão de habilidade. É mais uma questão de levantar as coisas do seu lugar e ver o que elas escondem embaixo. Como se faz a uma pedra.

Se levatares uma pedra pesada do jardim, verás que debaixo dela está um pedaço de terreno de cor diferente da relva restante do jardim. Mais esbranquiçada, com ar mais doente: o sol não passou por ali.

A imaginação? A imaginação é o sol também passar por ali.
 (Levanta a pedra, meu caro, faz um esforço.)

TAVARES, Gonçalo M. *Biblioteca*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

Use sua imaginação criativa e produza um texto – uma crônica ou um conto – que seja a continuação da seguinte situação inicial.

João perdera o emprego. A mulher saía para trabalhar, levava junto os filhos para deixar na escola, e ele ficava em casa, sem muito o que fazer.

Naquela tarde, estava sentado à porta de casa, sentindo-se uma pedra encostada, tomado de um desânimo sem fim, quando ouviu uma voz bem perto do seu ouvido a lhe dizer: “Vai, João! Faz um esforço. Levanta a pedra, meu caro!”

(A situação inicial está dada e há um início da complicação, de conflito gerador. Daqui para a frente é com você. Desenvolva a complicação, o conflito gerador, até chegar ao clímax, que prepara o desfecho da história. Então, conclua a história. Faça como todo escritor: use rascunhos; planeje antes o que contará, como continuará a história; escreva e reescreva quantas vezes achar necessário, até encontrar a forma ideal de contar o que imaginou.)

Trabalho feito, você pode copiar a forma final de seu conto em uma outra folha e colar nesta página.

Você percebeu que há Sol em muitas páginas do Caderno Pedagógico de Língua Portuguesa do 8º Ano?

Será que existe relação entre a homenagem do início, o texto de Gonçalo M. Tavares e a presença do Sol nessas páginas?
Vale a reflexão.

Ao Professor Welington Machado
os nossos agradecimentos e
à comunidade escolar da E.M. TASSO DA SILVEIRA,
a nossa solidariedade.

Professora Nazareth e Equipe da CED

